

O IRONISTA LIBERAL E A PARRESIA CÍNICA: UM ENCONTRO FILOSÓFICO

Gabriela Inácio de Carvalho Castro¹

Resumo: O presente artigo investiga as interseções e divergências entre dois conceitos centrais na filosofia contemporânea e antiga: o ironista liberal, conforme formulado por Richard Rorty, e a parresia cínica, originária da tradição filosófica cínica e resgatada por Michel Foucault. A análise busca compreender como a ironia, enquanto estratégia de revisão contínua de crenças, e a parresia, enquanto discurso franco e corajoso diante de estruturas de poder, podem dialogar na construção de uma postura ética e política que desafia certezas e promove a liberdade individual. Ao articular esses conceitos, exploramos o papel do discurso e da coragem na crítica cultural, na transformação social e na constituição do sujeito.

Palavras-chave: Ironia; Cínico; Parresia

Abstract: This article investigates the intersections and divergences between two central concepts in contemporary and ancient philosophy: liberal ironism, as formulated by Richard Rorty, and cynical parrhesia, originating from the cynical philosophical tradition and revived by Michel Foucault. The analysis seeks to understand how irony, as a strategy for the continuous revision of beliefs, and parrhesia, as a frank and courageous discourse in the face of power structures, can dialogue in the construction of an ethical and political stance that challenges certainties and promotes individual freedom. By articulating these concepts, we explore the role of discourse and courage in cultural criticism, social transformation, and the constitution of the subject.

Keywords: Irony; Cynical; Parrhesia

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPI.

Introdução

O ironista liberal, conceito desenvolvido por Richard Rorty, caracteriza-se por uma visão de mundo que rejeita a busca por verdades absolutas ou fundamentos últimos, elementos típicos da filosofia especulativa. Para o ironista, todas as crenças são contingentes e revisáveis, e o compromisso com a liberdade individual e a solidariedade social substitui a necessidade de certezas metafísicas. Essa postura se alinha a uma filosofia menos especulativa, que valoriza a prática discursiva e a transformação constante das perspectivas individuais e coletivas.

Relacionando-se a essa perspectiva, a parresia cínica, conforme explorada por Michel Foucault, representa uma prática de dizer a verdade de maneira corajosa e direta, frequentemente desafiando normas sociais e políticas. O cínico pratica a parresia ao viver de forma autêntica e ao expor verdades incômodas, sem se submeter a convenções estabelecidas. Este ato de franqueza radical serve não apenas como crítica social, mas também como uma forma de auto-transformação e construção ética.

Ambos, o ironista liberal e o praticante da parresia cínica, se distanciam da filosofia especulativa ao privilegiar a prática sobre a teoria, a transformação ética sobre a busca por verdades eternas. Em suas abordagens, o foco está na crítica contínua, na liberdade de pensamento e na coragem de desafiar as normas, promovendo uma filosofia voltada para a vida prática e a auto-reflexão constante.

O Ironista liberal em Rorty

O conceito de “ironista liberal” em Richard Rorty refere-se a uma figura que combina características de um liberal com a perspectiva de um ironista. Para Rorty, um liberal é alguém que considera a crueldade como a pior coisa que podemos fazer, enquanto um ironista é alguém que reconhece a contingência de suas próprias crenças e desejos, enfrentando a incerteza e a falta de fundamentos absolutos para suas convicções.

O conceito de “ironista” em Richard Rorty é chamado assim porque se refere a uma postura que envolve uma consciência crítica e reflexiva sobre as próprias crenças e valores. O ironista é alguém que reconhece a contingência de suas convicções, ou seja, entende que suas crenças não são absolutas ou universais, mas sim produtos de um contexto histórico e cultural específico. Essa figura é capaz de questionar e reavaliar

suas próprias ideias, mantendo uma atitude de abertura e flexibilidade em relação a diferentes perspectivas. O uso do termo “ironista” implica uma certa dose de ceticismo e uma disposição para aceitar a incerteza, em vez de buscar verdades definitivas.

Por outro lado, o termo “liberal” no conceito de “ironista liberal” não se refere ao liberalismo político convencional, que muitas vezes é associado a ideologias específicas sobre governo, economia e direitos individuais. Em vez disso, Rorty utiliza “liberal” em um sentido mais amplo e ético, inspirado na definição de Judith Shklar, que considera os liberais como aqueles que veem a crueldade como a pior coisa que podemos fazer. Para Rorty, ser liberal significa ter um compromisso com a redução do sofrimento humano e a promoção da solidariedade, independentemente das estruturas políticas ou econômicas específicas.

Assim, o “ironista liberal” de Rorty representa uma figura que combina a consciência crítica e a flexibilidade do ironista com um compromisso ético de evitar a crueldade e promover o bem-estar social, sem se restringir às limitações do liberalismo político tradicional. Essa abordagem enfatiza a importância de construir comunidades solidárias e inclusivas, em vez de se fixar em ideologias políticas rígidas.²

O ironista liberal, portanto, é uma pessoa que busca a diminuição do sofrimento humano e a cessação da humilhação entre os indivíduos, ao mesmo tempo em que aceita que suas próprias crenças são apenas uma entre muitas possíveis. Essa figura é vista como alguém que valoriza a solidariedade e a inclusão, defendendo que todas as comunidades devem ser respeitadas em suas especificidades, dentro de um contexto histórico.

Para Rorty, o ironista liberal deve se comprometer com valores como liberdade, solidariedade e a evitação da crueldade, buscando construir uma comunidade que seja útil e solidária, em vez de se perder em ideologias que não atendem às necessidades humanas contingentes.³

A ideia do ironista liberal é central para o cultivo da solidariedade em Richard Rorty porque oferece um modelo de convivência em uma sociedade pluralista, onde diferentes crenças e valores coexistem sem a necessidade de uma justificativa última ou

² SILVA, H. A. ALENCAR, B. A. A interpretação neopragmatista de Richard Rorty sobre o pensamento político de Michel Foucault: um ironista liberal inconcluso. COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.115-125, p. 117.

³ SILVA, H. A. ALENCAR, B. A. A interpretação neopragmatista de Richard Rorty sobre o pensamento político de Michel Foucault: um ironista liberal inconcluso. COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.115-125, p. 121.

absoluta. O ironista liberal reconhece que suas próprias convicções são contingentes e historicamente situadas, mas ainda mantém um compromisso com a redução da crueldade e a promoção do bem-estar humano.

A importância dessa postura reside em sua capacidade de fomentar um ambiente de tolerância e diálogo. Ao aceitar que não há um fundamento universal e definitivo para seus próprios valores, o ironista liberal está mais disposto a ouvir e compreender perspectivas diferentes, o que é crucial para a construção de solidariedade em uma sociedade diversificada. Em vez de buscar impor uma verdade única, o ironista liberal trabalha para criar espaços onde diferentes vozes possam ser ouvidas e respeitadas, promovendo assim uma maior coesão social baseada na empatia e no reconhecimento mútuo.

Além disso, a ênfase na solidariedade é vista como um objetivo a ser alcançado através da imaginação e do entendimento dos outros como “um de nós”, ao invés de “eles”. Isso se dá por meio de narrativas que ampliam nossa sensibilidade para as experiências e sofrimentos de pessoas diferentes de nós. Dessa forma, a ironia liberal não só reconhece a pluralidade, mas também a utiliza como uma força para unir, em vez de dividir, as pessoas

Richard Rorty utiliza o conceito de “ironista liberal” como uma forma de contrabalançar a filosofia especulativa, que busca verdades absolutas e fundamentos universais para as crenças e valores. A filosofia especulativa, segundo Rorty, tende a se fixar em ideias de verdade e moralidade que são vistas como universais e imutáveis, o que pode levar a uma visão dogmática e rígida da realidade.

Em contraste, o ironista liberal é caracterizado por sua aceitação da contingência e da pluralidade das crenças. Rorty argumenta que, em vez de buscar uma verdade última ou um fundamento sólido para a moralidade, o ironista liberal reconhece que suas convicções são apenas uma entre muitas possibilidades. Essa figura é capaz de questionar suas próprias crenças e se adaptar a novas circunstâncias, promovendo um diálogo aberto e inclusivo:

Há, então, duas diferenças entre o ironista liberal e o metafísico liberal. A primeira diz respeito ao seu senso do que a redescritção pode fazer pelo liberalismo; a segunda, ao seu senso da conexão entre esperança pública e ironia privada. A primeira diferença é que o ironista pensa que as únicas redescritções que servem a propósitos liberais são aquelas que respondem à pergunta “O que humilha?” enquanto o metafísico também quer responder à pergunta “Por que eu deveria evitar a humilhação?” O metafísico liberal quer que nosso objetivo de ser gentil seja reforçado por um argumento, um que

implique uma auto-redescritção que destacará uma essência humana comum, uma essência que é algo mais do que nossa capacidade compartilhada de sofrer humilhação. O ironista liberal quer apenas que nossas chances de ser gentil, de evitar a humilhação dos outros, sejam expandidas pela redescritção. Ele acha que o reconhecimento de uma suscetibilidade comum à humilhação é o único vínculo social necessário⁴

Além disso, o ironista liberal enfatiza a importância da solidariedade e da preocupação com o sofrimento humano, em vez de se perder em abstrações filosóficas. Rorty sugere que, ao focar na construção de uma comunidade mais solidária e menos cruel, o ironista liberal se afasta da busca por verdades absolutas e se concentra em práticas que promovem o bem-estar social.

Assim, Rorty usa o conceito de ironista liberal para criticar a filosofia especulativa, propondo uma abordagem mais pragmática e humanista que valoriza a flexibilidade, a inclusão e a solidariedade em vez de verdades universais e dogmas filosóficos⁵.

O conceito de ironia em Richard Rorty, especialmente em seu livro “Contingência, Ironia e Solidariedade” (1989), refere-se a uma postura filosófica e existencial. Para Rorty, o ironista é alguém que reconhece a contingência de suas crenças e valores mais profundos, compreendendo que eles não têm fundamento em algo transcendente ou eterno. O ironista é uma pessoa que constantemente questiona e revisa suas próprias convicções, sabendo que elas estão sujeitas ao tempo, à mudança e à historicidade.

Rorty contrasta a ironia com a busca por fundamentos absolutos e universais. Em vez de procurar uma verdade objetiva e universal, o ironista aceita que os significados e as verdades são produtos de contextos históricos e culturais específicos. Assim, a ironia não é uma forma de ceticismo total ou niilismo, mas sim uma maneira de lidar com a pluralidade e a incerteza inerentes à experiência humana:

Definirei um “ironista” como alguém que preenche três condições: (1) Ela tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final que usa atualmente, porque ficou impressionada com outros vocabulários, vocabulários considerados definitivos por pessoas ou livros que encontrou; (2) ela percebe que o argumento formulado em seu vocabulário atual não pode subscrever nem dissolver essas dúvidas; (3) na medida em que filosofa

⁴ RORTY, R. *Contingency, irony and solidarity*. Cambridge University Press. Second print, New York, 1995, p. 91, tradução nossa.

⁵ SILVA, H. A. ALENCAR, B. A. A interpretação neopragmatista de Richard Rorty sobre o pensamento político de Michel Foucault: um ironista liberal inconcluso. *COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia*, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.115-125, p. 120.

sobre sua situação, ela não pensa que seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que os outros, que esteja em contato com um poder que não o dela⁶.

No contexto político, Rorty defende uma “ironia liberal”, onde a esperança de diminuir o sofrimento humano coexiste com a consciência de que não há justificativas últimas para os valores liberais, exceto o desejo de evitar a crueldade e promover a solidariedade. A ironia permite uma convivência respeitosa com a diversidade de perspectivas, sem a pretensão de uma superioridade moral ou epistemológica absoluta.

A parresia cínica

A parresía, segundo Michel Foucault, é a prática de falar a verdade de forma franca e sincera, sem dissimulação ou ornamentação retórica. Na cultura greco-romana, esse conceito era fundamental e estava ligado à coragem de dizer a verdade, tanto sobre si mesmo quanto sobre os outros. Foucault destaca que a parresía não é uma atividade solitária; ela requer um interlocutor, como um filósofo, professor ou amigo, que escute e participe desse ato de verdade.⁷

Sobre o bom retórico, ele é alguém capaz de dizer algo completamente diferente do que sabe, acredita ou pensa, mas de uma maneira tão persuasiva que acaba moldando as crenças e conhecimentos de seu público. Na retórica, não há uma conexão necessária entre o orador e o conteúdo do que ele diz. O objetivo da retórica é criar um vínculo obrigatório entre o que é dito e o público, independente da verdade pessoal do orador. Por outro lado, a parresia se opõe diretamente a isso, pois estabelece uma relação direta e manifesta entre o orador e o que ele expressa. O parresiasta deve revelar seu verdadeiro pensamento e não pode dizer algo que contradiga o que realmente acredita. Na parresia, o vínculo entre o orador e o que ele diz é forte e necessário, mas há um risco inerente na relação com o público. O ouvinte pode não aceitar a verdade, sentir-se ofendido, rejeitar a mensagem ou até punir o parresiasta. Nas palavras de Foucault:

O bom retórico, o bom rétor é o homem que pode perfeitamente e é capaz de dizer algo totalmente diferente do que sabe, totalmente diferente do que crê, totalmente diferente do que pensa, mas dizer de tal maneira que, no fim das contas, o que dirá, o que não é o que ele crê nem o que ele pensa nem o que

⁶ RORTY, R. *Contingency, irony and solidarity*. Cambridge University Press. Second print, New York, 1995, p. 73, tradução nossa.

⁷ VILLA, L. A vida como escândalo da verdade: o testamento filosófico de Michel Foucault. *Veritas*, Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023, p. 3.

ele sabe, será, se tornará o que pensam, o que creem e o que creem saber aqueles a quem ele se endereçou. Na retórica, não há vínculo entre aquele que fala e o que ele diz, mas a retórica tem por efeito estabelecer um vínculo obrigatório entre a coisa dita e aquele ou aqueles a quem ela é endereçada. Vocês estão vendo que, desse ponto de vista, a retórica está no exato oposto da parresia, [que implica ao contrário uma] instauração forte, manifesta, evidente entre aquele que fala e o que ele diz, pois ele deve manifestar seu pensamento e não se trata, na parresia, de dizer algo diferente do que se pensa. A parresia estabelece portanto entre aquele que fala e o que ele diz um vínculo forte, necessário, constitutivo, mas abre sob a forma do risco o vínculo entre aquele que fala e aquele a quem ele se endereça. Porque, afinal de contas, aquele a quem ele se endereça sempre pode não acolher o que lhe é dito. Ele pode [sentir]-se ofendido, pode rejeitar o que lhe dizem e pode, finalmente, punir ou se vingar daquele que lhe disse a verdade. Logo, a retórica não implica o vínculo entre aquele que fala e o que é dito, mas visa instaurar um vínculo obrigatório, um vínculo de poder entre o que é dito e aquele a quem isto se endereça; a parresia, ao contrário, implica um vínculo forte e constituinte entre aquele que fala e o que ele diz, e abre, pelo próprio efeito da verdade, pelo efeito de ofensas da verdade, a possibilidade de uma ruptura de vínculo entre aquele que fala e aquele a quem este se dirige. Digamos, muito esquematicamente, que o retórico é, ou pode perfeitamente ser, um mentor eficaz que constrange os outros. O parresiasta, ao contrário. Será o dizedor corajoso de uma verdade em que ele arrisca a si mesmo e sua relação com o outro.⁸

O conceito de parresía está profundamente enraizado na tradição socrático-platônica, onde a prática de dizer a verdade é vista como um elemento central da vida ética e filosófica. Na filosofia socrática, a parresía é exemplificada pela figura de Sócrates, conhecido por sua disposição em falar a verdade mesmo diante de consequências adversas. Ele encoraja seus interlocutores a questionar suas crenças e buscar a verdade, o que reflete a parresía como uma prática corajosa e necessária para a vida ética.

Foucault destaca que a parresía socrática é caracterizada por uma harmonia entre discurso e vida. A fala franca de Sócrates está em conformidade com seu modo de existir, significando que a verdade expressa em suas palavras deve refletir sua vida e ações. Essa harmonia é fundamental para a autenticidade e a ética da parresía. Além disso, a tradição socrático-platônica valoriza a busca pela verdade não apenas como um exercício intelectual, mas como uma forma de vida. Foucault sugere que essa busca pode ser vista como uma estética da existência, onde a vida é moldada pela verdade e pela reflexão sobre si mesmo, transformando-se em uma obra de arte.

A parresía também se opõe à ignorância e à dissimulação, criticadas por Sócrates, que acreditava que a vida não examinada não vale a pena ser vivida. A parresía é um meio de examinar a vida e as crenças, combatendo a falta de sinceridade e a

⁸ FOUCAULT, M. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 14.

superficialidade. Essa prática influenciou profundamente a filosofia ocidental, estabelecendo um padrão para a relação entre o sujeito e a verdade. A tradição socrático-platônica, ao enfatizar a importância da verdade e da ética, moldou a maneira como a parresía é entendida e aplicada em contextos filosóficos posteriores.

A parresía está intimamente ligada à tradição socrático-platônica, onde a coragem de dizer a verdade, a harmonia entre discurso e vida, e a busca pela autenticidade são fundamentais para a prática ética e a estética da existência. A parresía contribui para uma estética da existência ao enfatizar a importância da verdade e da autenticidade na vida individual. Foucault propõe que, em vez de se concentrar em uma metafísica da alma, a filosofia deve ser reinterpretada como uma estética da existência, onde a prática de dizer a verdade sobre si mesmo se torna central na formação da identidade e na vivência ética. A parresía envolve um cuidado de si que permite ao indivíduo expressar sua verdade de maneira corajosa e sincera, tornando a busca pela verdade pessoal uma forma de arte de viver, em que a vida é vista como uma obra a ser moldada e cuidada, refletindo a autenticidade do sujeito.

Além disso, a parresía requer um interlocutor, o que implica que a verdade não é apenas uma experiência individual, mas uma prática relacional. Essa interação com o outro enriquece a experiência estética, pois a verdade compartilhada pode transformar as relações e a própria percepção de si. Foucault sugere que a parresía, ao se conectar com a tradição cínica e a filosofia socrático-platônica, promove uma visão da vida que transcende a mera sobrevivência ou a conformidade social, convidando o indivíduo a viver de maneira que sua vida se torne uma expressão estética, onde a verdade e a coragem são fundamentais para uma existência significativa.

A parresía também serve como uma crítica à institucionalização da verdade, especialmente no contexto do cristianismo, onde a relação direta com a verdade é mediada por autoridades. Foucault argumenta que essa mediação pode levar a uma inversão dos valores, em que a confiança em si e a coragem de dizer a verdade são vistas como arrogância, enquanto a obediência se torna uma virtude. Assim, a estética da existência busca resgatar a parresía como um princípio de liberdade e autenticidade. Em resumo, a parresía, ao promover a verdade e a autenticidade, é fundamental para a construção de uma estética da existência que valoriza a vida como uma obra de arte, onde o cuidado de si e a relação com o outro são essenciais.

Foucault também analisa a parresía em um contexto político, onde a coragem de falar a verdade poderia ter consequências sérias, como a perda da vida, especialmente

em situações de tirania. Ele observa que, na democracia ateniense, a parresía era uma prática comum entre conselheiros políticos, enquanto na tirania, era um ato de grande risco.

Além disso, Foucault discute a evolução do conceito ao longo do tempo, notando uma mudança na sua valorização, especialmente com a ascensão do cristianismo, que introduziu uma relação de obediência e desconfiança em relação a si mesmo, contrastando com a liberdade da parresía⁹. Em suma, a parresía é um conceito que articula a verdade, a ética e a política, sendo central para a compreensão das práticas de si e das relações de poder na filosofia de Foucault.

Na figura daquele que detém um saber técnico, recebido e transmitido, encontramos o princípio de uma obrigação de falar, característica também do parresiasta. No entanto, o professor, esse detentor de um know-how e do ensino, ao transmitir o conhecimento que recebeu, não assume nenhum risco, o que o diferencia do parresiasta. Todos sabem que ensinar não requer coragem. O professor, ao ensinar, estabelece ou espera estabelecer um vínculo com seus alunos, um vínculo de saber comum, herança, tradição, ou até mesmo reconhecimento pessoal e amizade. Esse ato de ensinar cria uma filiação dentro da ordem do saber.

Por outro lado, o parresiasta assume riscos ao dizer a verdade. Ele coloca em risco sua relação com o destinatário de sua mensagem. Em vez de criar um vínculo positivo de saber comum ou de amizade, o parresiasta pode provocar ira, antagonizar inimigos, incitar a hostilidade da comunidade ou sofrer vingança e punição de um governante tirânico. O parresiasta pode até arriscar sua vida, pagando com sua existência pela verdade que disse. Enquanto o ensino assegura a continuidade do conhecimento, a parresia envolve o risco da própria vida:

Nessa ideia daquele que possui um saber de tékhne, que o recebeu e vai transmiti-lo, encontramos esse princípio de uma obrigação de falar, que não encontramos no sábio, mas que encontramos no parresiasta. Porém, esse professor, esse homem da tékhne, do know-how e do ensino, nessa transmissão do saber, nesse dizer-a-verdade que ele mesmo recebeu e vai transmitir, vemos que não assume nenhum risco e é isso que faz sua diferença em relação ao parresiasta. Todo o mundo sabe, e eu em primeiro lugar, que ninguém precisa ser corajoso para ensinar. Ao contrário, quem ensina estabelece, ou ao menos espera, ou às vezes deseja estabelecer entre si e aquele ou aqueles que o escutam um vínculo, vínculo esse que é o do saber comum, da herança, da tradição, vínculo que pode ser também o do reconhecimento pessoal ou da amizade. Em todo caso, nesse dizer-a-verdade,

⁹ VILLA, L. A vida como escândalo da verdade: o testamento filosófico de Michel Foucault. Veritas, Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023, p. 13.

se estabelece uma filiação na ordem do saber. Ora, vimos que o parresiasta, ao contrário, assume um risco. Ele arrisca a relação que tem com aquele a quem se dirige. E dizendo a verdade, longe de estabelecer esse vínculo positivo de saber comum, de herança, de filiação, de reconhecimento, de amizade, pode ao contrário provocar sua cólera, indispor-se com o inimigo, suscitar a hostilidade da cidade, acarretar a vingança e a punição de parte do rei, se for um mau soberano e se for tirânico. E, nesse risco, pode expor sua própria vida, pois ele pode pagar com a existência a verdade que disse. No caso do dizer-a-verdade da técnica, o ensino assegura ao contrário a sobrevivência do saber, enquanto a parresia faz aquele que a pratica arriscar a vida. O dizer-a-verdade do técnico e do professor une e vincula. O dizer-a-verdade do parresiasta assume os riscos da hostilidade, da guerra, do ódio e da morte. E se é verdade que a verdade do parresiasta – [quando] é recebida, [quando] o outro, diante dele, aceita o pacto e joga o jogo da parresia – pode nesse momento unir e reconciliar, isso só ocorre depois de ter aberto um momento essencial, fundamental, estruturalmente necessário: a possibilidade do ódio e da dilaceração.¹⁰

O cinismo representa uma radicalização da parresia socrática, especialmente através da figura de Antístenes, que inaugura uma filosofia focada em um modo de vida austero e uma necessidade quase insolente de dizer a verdade. Este modo de vida cínico busca um retorno à animalidade e à conformidade com a natureza, desafiando convenções sociais e promovendo uma vida simples e autêntica. A parresia cínica é marcada por uma ambivalência: ela pode ser tanto uma fala franca quanto uma fala insolente, conforme exemplificado por Diógenes, que considerava a parresia “o que pode haver de mais belo entre os homens”. No cerne do cinismo, encontra-se a “forma de existência como escândalo vivo da verdade”.¹¹

Foucault descreve o cinismo como uma prática filosófica em que o modo de vida e o dizer-a-verdade estão diretamente ligados. Segundo ele, “na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente marcante – com regras, condições ou modos muito caracterizados, muito bem definidos – é fortemente articulada no princípio do dizer-a-verdade ilimitado e corajoso, do dizer-a-verdade que leva sua coragem e sua ousadia até se transformar em intolerável insolência”.¹² Assim, o cínico é o homem da parresia, comprometido com a verdade a qualquer custo.

Relatos sobre cínicos como Antístenes, Diógenes, Crates, Hipárquia, Demonax, Demétrio e Peregrino ilustram essa filosofia prática. O retrato típico do cínico inclui barbas longas, cabelos desgrenhados, manto curto, pés descalços e sujos, alforje e

¹⁰ FOUCAULT, M. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 24.

¹¹ FOUCAULT, M. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 158.

¹² FOUCAULT, M. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 144.

cajado. O cínico fala para todos e busca recrutar seguidores fora das elites cultivadas, fazendo da filosofia uma prática popular, como observado por Diógenes Crisóstomo, que divide os filósofos em três categorias: os que calam porque acreditam que a multidão não pode ser convencida, os que reservam suas palavras para um público seletivo, e os cínicos, que discursam nas ruas.

Para o cinismo, preparar-se para a vida significa viver em conformidade com a natureza e libertar-se do que é supérfluo, como bens materiais, fama e vaidade. Essa filosofia não busca transmitir doutrinas complexas, mas ensinar a viver através da ética, eliminando disciplinas como lógica e física, consideradas desnecessárias para a vida prática. O ensino cínico é prático e direto, um atalho para a sabedoria, com a ética como a única disciplina essencial.

A pedagogia cínica se dá através do exemplo de vida e das *khreiai* – anedotas que narram episódios marcantes, como as histórias de Diógenes e seu encontro com Alexandre, ou o banquete público. Essas narrativas destacam o herói filosófico que desafia normas sociais com ações provocativas e demonstra a relação entre *parresia* e modo de vida, inserida no paradigma da estética da existência.

O casamento de Crates e Hipárquia exemplifica como o modo de vida cínico é uma condição para o exercício da *parresia*. Para ser livre e dizer a verdade, é necessário estar desvinculado de obrigações supérfluas, vivendo apenas com o essencial. Esse modo de vida funciona como uma prova daquilo que é indispensável para a existência. O cinismo reduz a vida ao essencial, como ilustra Epicteto ao afirmar: “não tenho mulher nem filhos nem palácio de governador, mas somente a terra e o céu e um velho manto. Acaso me faz falta? Acaso não vivo sem tristeza e sem temor, não sou livre?”. O cinismo torna visível a verdade através dos gestos, corpos e da maneira de viver.

Na homilia 25 de Gregório de Nazianzo (século IV), é estabelecido um vínculo entre o cinismo e o cristianismo, apresentando Máximo, um asceta cristão, como um “verdadeiro cínico”, elogiado por sua frugalidade e *parresia*. O cinismo, portanto, representa a vida como “presença imediata, brilhante e selvagem da verdade”. Dizer que o cinismo representa a vida como “presença imediata, brilhante e selvagem da verdade” significa que o cinismo busca uma vivência autêntica e despojada de convenções sociais, onde a verdade é expressa de forma direta e sem filtros. Essa expressão captura a essência do cinismo como uma filosofia que rejeita as pretensões e as máscaras sociais, valorizando a franqueza absoluta e a simplicidade radical. A presença imediata refere-se à vivência do momento presente, sem artifícios ou construções elaboradas; o

cínico vive a verdade no aqui e agora, de maneira direta e sincera. A verdade, para os cínicos, é algo brilhante, que ilumina e esclarece, embora possa ser desconfortável ou chocante, revelando a realidade sem adornos. O termo selvagem destaca a natureza indomável e intransigente da verdade cínica, que não se conforma às normas ou expectativas sociais, sendo apresentada de forma crua e destemida, muitas vezes provocando e desafiando o status quo. Essa visão do cinismo enfatiza uma vida vivida de acordo com princípios naturais e racionais, onde a coragem de dizer e viver a verdade é central, mesmo que isso signifique confrontar e escandalizar a sociedade.

Relações entre a parresia cínica e o ironista liberal

A parresia cínica e o ironista liberal compartilham convergências importantes como práticas de resistência à conformidade e ao dogmatismo. Ambos rejeitam as verdades absolutas impostas por estruturas sociais e políticas, promovendo uma postura crítica frente às convenções estabelecidas. Tanto a parresia cínica quanto a ironia liberal centram-se em práticas discursivas que não apenas transformam o sujeito, mas também o contexto político em que estão inseridos. Essas práticas discursivas desafiam o status quo, incentivando uma reavaliação contínua das crenças e valores.

No entanto, há divergências significativas entre essas duas abordagens. A ironia tende a ser uma prática mais individualista e introspectiva, focada na desconstrução pessoal e na revisão contínua das próprias crenças, muitas vezes sem um confronto direto com o público. Em contraste, a parresia cínica é essencialmente pública e confrontadora, buscando desestabilizar as normas sociais através de uma fala franca e corajosa.

Além disso, as duas abordagens possuem diferentes concepções de “verdade”. O ironista liberal desconfia da ideia de uma verdade objetiva e universal, vendo todas as crenças como contingentes e passíveis de revisão. Por outro lado, o parresiasta cínico afirma a verdade como um compromisso ético, algo que deve ser defendido e expresso de maneira direta, mesmo diante de riscos. Essa distinção revela como, apesar de ambos desafiarem o dogmatismo, eles o fazem com diferentes objetivos e métodos, refletindo suas perspectivas distintas sobre o papel da verdade na transformação social e pessoal.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2011,

RORTY, R. **Contingency, irony and solidarity**. Cambridge University Press. Second print, New York, 1995

SILVA, H. A. ALENCAR, B. A. **A interpretação neopragmatista de Richard Rorty sobre o pensamento político de Michel Foucault: um ironista liberal inconcluso**. COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.115-125.

VILLA, L. **A vida como escândalo da verdade: o testamento filosófico de Michel Foucault**. Veritas, Porto Alegre, v. 68, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023.